

A vivência da graduação como possibilidade de novas vias de subjetivação

The graduation experience as a possibility for new ways of subjectification

Bruna Tavares da Silveira¹
Valéria Deusdará Mori²

Resumo

Esse trabalho tem como objetivo explorar como diferentes posicionamentos de vida podem abrir novas vias de subjetivação dentro da formação e da atuação em psicologia. Dessa forma, são repensados os processos que estão cristalizados na formação em psicologia, em defesa de uma formação mais crítica e reflexiva, capacitando profissionais para atuar de forma mais comprometida com a psicologia e o seu papel na sociedade. Portanto, a Teoria da Subjetividade de González Rey possibilita, por meio de seus conceitos, pensar a forma como esses processos se configuram na psicologia e nos profissionais, além de pensar os posicionamentos que auxiliam a abertura de caminhos alternativos aos que estão cristalizados. O trabalho utiliza uma abordagem qualitativa, a metodologia construtiva-interpretativa desenvolvida a partir da Epistemologia Qualitativa de González Rey, para pensar a forma como esses posicionamentos se configuram, tanto na subjetividade individual da participante, quanto na subjetividade social da psicologia. Portanto, conclui-se que o processo de apropriação da psicologia e a implicação do indivíduo em sua formação e atuação facilitam a abertura desses caminhos que permitem uma atuação mais reflexiva e criativa.

Palavras-chave: Psicologia; Graduação; Formação em psicologia; Teoria da subjetividade.

Abstract

This study aims to explore how different stances on life can open new ways of subjectification in studies and practices in psychology. In this instance, processes that are crystallized in studies in psychology are rethought, supporting studies that are more critical and reflective, capacitating professionals to practice in a way that is more committed with psychology and its role in society. Therefore, González Rey's Theory of Subjectivity allows one to think, with its concepts, the way these processes are configurated in psychology and its professionals, in addition to thinking about the stances that help open alternative paths from the ones that are crystallized. This study utilizes a qualitative approach, the constructive-interpretative method developed from González Rey's Qualitative Epistemology, to think the way these stances are configurated in the participant's individual subjectivity, as well as in psychology's social subjectivity. Thus, it is concluded that the process of appropriation of psychology and one's implication in their studies and practices facilitate the opening of these paths that allow for a more reflective and creative practice.

Keywords: Psychology; Graduation; Studies in psychology; Theory of subjectivity.

¹ Graduanda em Psicologia no Centro Universitário de Brasília (CEUB). E-mail: bruna.tavaress@sempreceub.com

² Pós-Doutora pela Universidad Pablo Olavide (UPO - Sevilha, Espanha). Doutora em Psicología pela Universidad San Carlos de Guatemala (USAC - Cidade de Guatemala, Guatemala). Professora do Centro Universitário de Brasília (CEUB), atuando junto aos cursos de graduação e no mestrado em Psicología. E-mail: valeria.mori@ceub.edu.br

1. Introdução

Pensamos que discutir a formação e a atuação em psicologia é interessante porque, ao questionarmos e refletirmos sobre, podemos notar e repensar os processos que estão sendo cristalizados de forma acrítica pelos estudantes e profissionais, constituindo a subjetividade social hegemônica da psicologia. Esses processos apontam que essa área vem caminhando para uma atuação cada vez menos reflexiva, privilegiando perspectivas “científicas” e instrumentais, e se afastando da sua origem enquanto ciência humana, que demanda pensamento, criatividade e crítica. Dessa forma, consideramos importante produzir reflexões sobre esse tema buscando uma perspectiva mais crítica dentro da psicologia, abrindo, assim, caminhos diferentes de reflexão e atuação. Portanto, nesse artigo visamos discutir os diferentes posicionamentos dos profissionais que facilitam a abertura de novas possibilidades de subjetivação para além da subjetividade social dominante da psicologia.

Dessa forma, nos ancoramos na Teoria da Subjetividade de González Rey (2004, 2005, 2011, 2017), que, a partir de seus conceitos, permite-nos uma discussão e articulação teórica visando pensar de forma crítica a formação e a atuação na psicologia, levando em consideração os processos subjetivos que configuram a subjetividade social hegemônica da psicologia. Por meio do conceito de sujeito, abrimos um espaço de discussão sobre os posicionamentos pessoais que auxiliam a subversão de uma subjetividade social hegemônica e a produção de espaços diferenciados de atuação, abrindo caminhos alternativos, como exemplificado no estudo de caso deste trabalho.

2. Fundamentação teórica

É de suma importância pensarmos os processos subjetivos dominantes que perpassam o campo da psicologia e constituem a sua subjetividade social hegemônica. Dessa forma, podemos, por meio da reflexão, abrir novas vias de subjetivação, ou seja, novas formas de produção de sentidos subjetivos alternativos, sobre as maneiras de emergir como agentes e tornarmos sujeitos enquanto profissionais da psicologia, de modo a subverter esses processos subjetivos

dominantes, em prol de uma psicologia crítica, reflexiva e politizada, entendendo que esta possui um compromisso social fundamental.

A Teoria da Subjetividade, desenvolvida por González Rey (2017), nos oferece uma possibilidade teórica de explorar os processos subjetivos que perpassam movimentos de vida, contemplando o quanto efêmeras e diversas são as experiências humanas, além de possibilitar a exploração de processos subjetivos sociais, que estão inscritos na subjetividade individual. Nessa perspectiva, a subjetividade é definida como “sistema em processo que revela uma qualidade específica do humano, capaz de gerar tensão e criação perante todos os sistemas culturais dentro dos quais se constitui e desenvolve” (González Rey; Mitjáns Martínez, 2017, p. 31).

O sentido subjetivo é caracterizado por González Rey (2011) como “uma unidade simbólico-emocional que é produzida no momento atual, mas que não pode ser compreendida como uma entidade isolada em si mesma” (p. 33), essas unidades estão em constante transformação, formando cadeias de sentidos subjetivos, que por sua vez formarão configurações subjetivas (González Rey, 2011). Embora a configuração subjetiva seja constituída pelos sentidos subjetivos, ela não se limita à soma dos mesmos, sendo descrita como “uma verdadeira rede simbólico-emocional que integra os múltiplos efeitos e desdobramentos do vivido que seriam incompreensíveis desde a análise de expressões subjetivas isoladas” (González Rey, 2011, p. 34), se posicionando, dessa forma, como a via de acesso para gerar inteligibilidade acerca da dimensão subjetiva presente na expressão das pessoas.

Conforme Mitjáns Martínez e González Rey (2017), “a ação individual humana sempre acontece dentro de uma rede de processos subjetivos sociais de níveis diferentes” (p. 99), portanto a subjetividade social não se encontra externa a esta ação, pois está configurada subjetivamente tanto no cenário, quanto na participação individual, posicionando a subjetividade social e a subjetividade individual em uma relação de recursividade, em que uma está na natureza da outra. Ademais, a subjetividade social não é a soma de todas as características da sociedade, seus sistemas se articulam de maneira diferenciada em cada espaço de ação social dos indivíduos, pois “esses processos da subjetividade social estão configurados individualmente de modo singular nos sujeitos da própria ação social” (Mitjáns Martínez; González Rey, 2017, p. 100), se tornando, assim, inseparáveis.

A deslegitimação do social como um espaço próprio de subjetivação é um processo comumente observado dentro da psicologia, por exemplo, no trabalho clínico, que é concebido como um trabalho naturalmente individual, reduzindo o espaço social para as pessoas que estão ao redor do indivíduo e perdendo de vista os processos subjetivos sociais (como discursos de gênero, raça, sexualidade, entre outros) que perpassam os fenômenos vivenciados na clínica (Mori, 2020). Esse processo, além de despolitizar a prática psicológica, promove uma atuação cada vez mais vazia, que requer menos criatividade e reflexão do profissional.

Além disso, podemos pensar, como uma configuração subjetiva social da psicologia, a tendência instrumentalista, que se torna cada vez mais aparente dentro das salas de aula, caracterizada por críticas com relação a falta de treinamento prático na graduação, que “não preparam” os alunos suficientemente para a atuação clínica pelo enfoque naturalmente teórico que a psicologia possui, além de um estudo muitas vezes reducionista de determinadas teorias visando instrumentalizá-las e utilizá-las como critério de categorização dos indivíduos.

Essa repartição da psicologia entre teoria e prática destituiu o trabalho clínico da possibilidade de ser uma fonte de conhecimento científico, sendo concebido como um trabalho puramente prático, de forma mais intuitiva e técnica, partindo da ideia de que as produções de teóricos consagrados já bastam para responder as questões que podem surgir nesse espaço. Partindo dessa ideia, temos uma configuração subjetiva social dentro da psicologia de que, como a clínica está situada apenas na prática, não são necessários o estudo, a atividade investigativa e a produção teórica nesse espaço, se limitando apenas à aplicação de técnicas pré-dispostas que solucionam a questão apresentada, sem necessidade de pensar ou refletir sobre o processo da pessoa em psicoterapia, desconsiderando o fato de que a psicoterapia é um processo vivo de pesquisa (Mori, 2019). Pensamos que essa configuração subjetiva social aponta diretamente para uma subjetividade social dominante que está sempre buscando pelo caminho mais fácil, aquele que requer menos esforço, e, consequentemente, implicação, considerando que, para se implicar, é necessário esforço, estudo, reflexão e posicionamento.

Estamos inseridos em uma subjetividade social hegemônica que postula a necessidade de mitigar qualquer sofrimento em busca de felicidade a qualquer custo, desconsiderando a importância que o sofrimento possui como experiência

naturalmente humana, culminando nessa procura constante pelos caminhos mais fáceis, que demandam menos esforço e sofrimento (Freire Filho, 2010; Han, 2021). No cenário educacional, podemos observar o crescente uso da inteligência artificial, não como ferramenta, mas como substituto ao esforço e aprofundamento necessários ao estudar, de forma que os estudantes não precisem passar pelo processo, por vezes doloroso, que é deparar-se com um conhecimento que ainda não possui ou se esforçar para organizar as suas palavras de forma que sua ideia se torne compreensível. Esse processo requer um constante envolver-se naquilo que se faz e personalizá-lo, pois “apenas o vivo, a vida capaz de sentir dor, consegue pensar” (Han, 2021, p. 78), e assim, se transformar.

Ademais, é recorrente a concepção de que, ao escolher uma teoria para se orientar, não há mais nada a aprender com outras teorias e outros pensadores, restringindo a teoria escolhida a uma lente a ser colocada dentro do espaço clínico, sem necessidade de implicação pessoal em outras dimensões da vida. Defendemos a importância de viver a psicologia em espaços diversos, para além do consultório e da sala de aula, por meio do engajamento crítico com produções culturais, como livros, filmes e séries, e o investimento contínuo em estudo e atualização com relação ao conhecimento que está sendo produzido na contemporaneidade. Como defende Parker (2020), os estudantes de psicologia não se transformam automaticamente em psicólogos, sendo um processo que demanda tempo e dedicação, no qual alguns perceberão que não são psicólogos afinal.

Além da separação entre teoria e prática, podemos apontar como outra configuração subjetiva social da psicologia a separação entre as áreas de atuação de forma que não haja espaço para diálogos entre elas (González Rey; Goulart; Bezerra, 2016). O espaço privilegiado da área clínica em muitos cursos de graduação resulta em um estudo superficial dos outros espaços possíveis de atuação do psicólogo, desconsiderando o valor que o estudo dessas áreas tem para a formação dos estudantes, de modo que, mesmo optando pela atuação clínica, estes possuam a capacidade reflexiva de pensar as pontes que o estudo de outras áreas pode proporcionar.

O movimento de cuidado hegemônico, onde o processo de psicoterapia é guiado pelo saber do psicoterapeuta, que norteia a ação do paciente no melhor caminho, é concebido como uma prática interventionista e vazia

epistemologicamente, que sustenta a adequação dos indivíduos à subjetividade social dominante, tornando os indivíduos passivos e dependentes de uma ação do psicólogo. A criação de um espaço relacional marcado pelo cuidado, onde o saber do psicólogo parte da qualidade específica daquela relação, é essencial também para promover um percurso reflexivo dos profissionais acerca de sua atuação, além do seu envolvimento criativo naquela relação, mantendo-se abertos e ativos durante essa vivência do cuidado, de modo a implicar-se em seu trabalho. Portanto, é necessário reconhecer o espaço ativo que os indivíduos possuem e a importância de assumir a responsabilidade pelos seus próprios processos (Vaz et al., 2025).

Entretanto, a formação em psicologia vem caminhando na direção do cientificismo, dando preferência a teorias cognitivas e comportamentais “comprovadas cientificamente”, em detrimento de uma formação crítica e criativa, que incentiva os alunos a pensar e gerar reflexões acerca da atuação, levando em conta as diversas teorias e a interdisciplinaridade da psicologia. Uma formação que não engloba as bases que fundamentam essa área e as críticas que devem ser levadas em conta para a atuação, forma profissionais que apenas reproduzem os conhecimentos e técnicas adquiridos de forma impessoal e irreflexiva.

Portanto, Guzzo (2024) defende que o conhecimento não pode ser apenas estabelecido e transmitido pelos professores, mas que o estudante precisa apropriar-se do que está aprendendo por meio da reflexão e do diálogo, de modo que a sua subjetividade é envolvida no processo de aprendizagem, permitindo que aquilo que está sendo aprendido o tensione e o mobilize. Na perspectiva da Teoria da Subjetividade, a educação rompe com os limites da sala de aula e adquire um aspecto de promoção de cidadania, sendo um processo que mobiliza o indivíduo em diferentes níveis e permite que este assuma diferentes posições dentro de sua vida, de forma que a pessoa se implica e é implicada por aquilo que aprende.

Esse cientificismo que vem ganhando espaço denuncia uma alienação da psicologia com relação a seu caráter epistemológico, filosófico e humano. Dessa maneira, a psicologia se fecha como uma área em si própria, incapaz de estabelecer diálogos com outras áreas do conhecimento que não as ciências naturais. O próprio surgimento da psicologia se dá em razão da necessidade de manutenção das relações de produção, como uma área que atua na compreensão, explicação e controle dos comportamentos da sociedade (Guzzo; Ribeiro, 2019), portanto, não é

possível negar a dimensão política e social que a mesma, enquanto campo de conhecimento e de atuação, possui.

Nesse prisma, Bock et al. (2022) advogam pela ideia do compromisso social da psicologia, que a conecta com o seu papel social, superando a patologização e a absolutização dentro desse campo, por meio da consideração da cultura, do meio social e das relações dos indivíduos como partes essenciais para sua compreensão enquanto ser humano. A importação de teorias norte-americanas, como ocorreu na consolidação da área no Brasil, afasta a atuação da população, tornando a psicologia elitizada e fechada em si própria. É de suma importância, para a psicologia, o resgate do aspecto teórico latino-americano como subsídio de sua formação e atuação, considerando que a produção acadêmica brasileira e latino-americana são capazes de gerar inteligibilidade acerca de temas pessoais ao nosso povo e às realidades que são vividas pela nossa população.

A subjetividade social hegemônica do fazer pesquisa se baseia em um modelo hipotético-dedutivo, que exclui completamente o processo intelectual do pesquisador, limitando-se a pesquisar aquilo que é passível de medição e controle de forma completamente neutra (González Rey, 2004). Essa busca constante pela generalização de resultados, procurando as respostas menos “contaminadas” pela complexidade dos fenômenos humanos e sociais e mais reaplicáveis, fortalece a configuração subjetiva social que apontamos anteriormente, que opta pelo caminho mais fácil e se exime de sustentar a complexidade inerente à psicologia, evitando a implicação pessoal nesse processo.

Esse cenário hegemônico da psicologia age como um dispositivo para a política e a economia da atualidade, estando configurada na subjetividade social e atuando na manutenção de processos hegemônicos importantes para o contexto político e econômico atual (Vaz, 2023). O entendimento dessa forma de fazer psicologia como uma via de subjetivação privilegiada deixa explícita a hegemonia presente com relação à formação e à atuação acrítica e instrumental que apresentamos neste artigo, se mostrando essencial pensar e discutir os diferentes posicionamentos pessoais que possibilitam a produção subjetiva diferenciada dessa subjetividade social hegemônica da psicologia.

Pensamos que, enquanto psicólogos, não podemos utilizar da psicologia como apenas um instrumento, de forma prescritiva, mas essa deve se configurar como uma

forma de ver o mundo, em que nos implicamos permanentemente em nossa atuação. Essa forma de se posicionar requer do profissional criatividade para assumi-la, por meio de reflexões e construções teóricas alternativas, que permitam transcender a centralidade da prática acrítica e instrumental na subjetividade social dominante. Essa posição que defendemos com relação a estes processos da subjetividade social hegemônica se relaciona diretamente com o conceito de sujeito, caracterizado por González Rey e Mitjáns Martínez (2017) como “aquele que abre uma via própria de subjetivação, que transcende o espaço social normativo dentro do qual suas experiências acontecem, exercendo opções criativas no decorrer delas, que podem ou não se expressar na ação” (p. 67). O caráter ativo do sujeito não pode ser tomado como um a priori, definido de forma isolada das configurações subjetivas do indivíduo, mas construído como conceito a partir das experiências singulares a serem exploradas.

Os conceitos de agente e de sujeito se referem a um “[...] indivíduo configurado subjetivamente, que gera sentidos subjetivos para além de suas representações, mas que, ao mesmo tempo, toma decisões, assume posicionamentos, tem produções intelectuais e compromissos, que são fonte de sentidos subjetivos e abrem novos processos de subjetivação” (González Rey; Mitjáns Martínez, 2017, p. 66). Enquanto o sujeito assume uma posição mais criativa e transcendente, o agente é alguém implicado e ativo em suas vivências, que pensa e toma decisões cotidianas durante o seu processo.

Essa concepção não é associada apenas com positividade, realização, sucesso ou certo comportamento moral pré-definido (González Rey; Mitjáns Martínez, 2017), já que, pelo caráter complexo e contraditório dos processos subjetivos, é possível tornar-se sujeito de formas variadas no curso da experiência. Dessa forma, não existe molde universal e fixo para assumir a posição de sujeito, considerando que a tensão entre a subjetividade individual e a subjetividade social dominante pode se dar de diversas maneiras, sem a garantia de que essa posição se expressará em todos os processos de vida do indivíduo.

Portanto, se mostra necessária a reflexão constante sobre os processos proeminentes que se expressam dentro da psicologia, de forma a não cristalizar a prática psicológica como um espaço de atuação irreflexivo e instrumental, além de incentivar a capacidade crítica e criativa dos psicólogos, entendendo que a prática e

a teoria são processos indissociáveis e recursivos. Repensar esses processos possibilita a mobilização de sentidos subjetivos alternativos, tensionando a subjetividade social hegemônica e abrindo espaço para novas discussões acerca desse assunto, caminhando em direção de uma prática mais politizada e reflexiva.

3. Metodologia

A metodologia utilizada neste trabalho foi a metodologia construtiva-interpretativa, desenvolvida a partir da Epistemologia Qualitativa de González Rey (2005, 2017), sendo indissociável desta e da Teoria da Subjetividade, por constituírem um arcabouço epistemológico-teórico-metodológico (González Rey; Mitjáns Martínez, 2017). A Epistemologia Qualitativa possibilita a construção de conhecimento sobre a subjetividade, gerando inteligibilidade acerca dos processos subjetivos dos participantes da pesquisa, sem a pretensão de encontrar uma verdade absoluta ou esgotar o problema, mas abrir zonas de inteligibilidade que permitem pensar o tema com novos olhos, produzindo reflexões e aprofundamentos diferenciados.

Primeiramente, temos como pilar norteador dessa epistemologia o caráter construtivo-interpretativo do conhecimento, que reitera que “o conhecimento é uma construção, uma produção humana, e não algo que está pronto para conhecer uma realidade ordenada de acordo com categorias universais do conhecimento” (González Rey, 2005, p. 6), enfatizando o papel ativo do pesquisador nesse processo, com sua capacidade reflexiva e criativa. Portanto, González Rey (2005) difere que, embora toda interpretação seja uma construção, a construção não precisa estar associada a um referencial empírico, tendo um caráter especulativo essencial para a produção teórica, e sendo, então, um processo teórico de especulação que permite um retorno mais sensível ao momento empírico.

O segundo pilar norteador é a legitimidade do singular como fonte de conhecimento, que parte do pressuposto de que a pesquisa é um processo de produção teórica onde se dá a construção de modelos de inteligibilidade, e o valor do singular se encontra no que este representa para o modelo teórico em desenvolvimento, sendo legitimado por sua pertinência para o sistema teórico e para a abertura de novas zonas de inteligibilidade sobre a questão estudada (González Rey, 2005), rompendo, assim, com a ideia de que, para alcançar validade científica, a

pesquisa deve ser aplicada no maior número de pessoas possíveis, gerando um conhecimento que deve ser passível de reaplicação.

Portanto, o último pilar norteador é o caráter dialógico da produção do conhecimento, entendendo que a comunicação é um espaço valioso para expressão simbólica dos indivíduos. Esse princípio ocasiona na necessidade de criar um cenário social de pesquisa favorável à expressão dos participantes e do pesquisador, sendo a implicação do pesquisador essencial para a produção teórica (González Rey, 2005).

3.1 Participante

A participante escolhida foi uma psicóloga que atua na psicoterapia baseada na Teoria da Subjetividade e já é adepta a uma perspectiva mais crítica da psicologia. Nesse trabalho, ela será chamada por Ivana (nome fictício).

3.2 Cenário social de pesquisa

Após a apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa, entramos em contato com a participante, que já conhecíamos previamente por nos orientarmos pela mesma teoria, e contamos brevemente sobre o tema de pesquisa, inicialmente com o intuito de falar sobre psicoterapia e a patologização da vida. Portanto, marcamos uma conversa de uma hora de duração pela plataforma Zoom, onde apresentamos a ela o TCLE e conversamos sobre a formação e a atuação da participante na psicologia.

3.3 Instrumento

Fizemos uso da dinâmica conversacional, que se difere da entrevista por se pautar por ações dialógicas, e não perguntas, que valorizam a expressão das pesquisadoras e as suas construções no decorrer do processo.

3.4 Análise e construção de informação

A construção da informação é fundamentada no levantamento de indicadores, que são construídos pelo pesquisador a partir das fontes de informação da pesquisa (a dinâmica conversacional), e, partindo da concatenação de indicadores, são formuladas as hipóteses. Essas hipóteses, longe de responder objetivamente a uma pergunta colocada anteriormente ao processo da pesquisa, visam gerar zonas de inteligibilidade acerca do assunto que está sendo estudado. A partir da articulação das

hipóteses é formulado um modelo teórico, como mencionado anteriormente, que possui a capacidade de avançar na criação de novas zonas de inteligibilidade.

4. Processo de construção de informação

Ivana é psicóloga, formou-se em 1976, e atuou em áreas como a psicologia escolar, atendimento a crianças, atendimento a casais e famílias e psicologia jurídica, além de atuar como professora de graduação e pós-graduação em psicologia. Anteriormente, atendia crianças por meio do Psicodrama, abordagem na qual possui formação, entretanto, atualmente, atende casais e famílias em situação de desacordo judicial por meio da Teoria da Subjetividade.

No primeiro encontro, iniciamos o nosso contato solicitando que Ivana nos contasse um pouco sobre a sua formação, então ela nos informou que é formada em uma faculdade particular e que, após se formar, já começou a atuar em diversas instituições, principalmente na área da educação. Ela nos conta, então, que decidiu iniciar a formação em psicodrama:

Ivana: Mas logo eu iniciei minha formação (em psicodrama), eu já tinha feito minha formação em terapia psicomotora, da linha francesa, tinha feito uma em psicodiagnóstico com a profissional M., que era uma famosa, argentina, foi na cidade da minha graduação que eu fiz. Aí eu comecei a formação em psicodrama.

À primeira vista, emergem indicadores de sua dedicação com a psicologia, pela quantidade de formações continuadas realizadas por Ivana, mas também de sua inquietude e curiosidade enquanto profissional, procurando formações diferentes e atuando em diversos lugares simultaneamente. Esses indicadores são corroborados no seguinte relato da participante acerca da realização de seu mestrado:

Ivana: Mas aí, eu fui fazer o mestrado, eu não ia fazer porque tava na clínica muito bem, né, satisfeita com o psicodrama, com tudo, com quem eu convivia, mas aí eu resolvi fazer o mestrado.

Nesse momento, Ivana relata que estava satisfeita com o momento que estava vivendo e por esse motivo não iria fazer o mestrado, porém, a partir da sua escolha de buscar esse título, emerge o indicador de uma certa insatisfação com a vida que levava, contrariando o relatado pela participante, e que se relaciona com a sua inquietude enquanto profissional na busca por formações e atuações diferentes. Essa insatisfação que emerge para nós como indicador não é algo que paralisa a participante, pelo contrário, acreditamos que esse sentimento de relativa insatisfação

a faz buscar maneiras de vivenciar o que deseja, abrindo um espaço próprio na psicologia para ela.

Durante o processo de formação no mestrado, a participante entrou em contato com a Teoria da Subjetividade, pois foi aluna do criador da teoria, Fernando González Rey. A partir dessa experiência, relata:

Ivana: Aí, é..., aí eu fui assumindo a Teoria da Subjetividade sem deixar o psicodrama, embora sejam diferentes em muitas coisas, né, porque são... são epistemologias diferentes, sabe, assim, bem de um... de conhecimentos diferentes, né. Mas tem muita coisa em comum, e tem o que eu criei, no trabalho com criança, o jeito de trabalhar com criança.

A partir dos indicadores de inquietude e curiosidade enquanto profissional, além da constante busca pela próxima oportunidade, que foram construídos a partir dos trechos anteriores, e se ratificam nesse último trecho apresentado - por meio da sua vontade de “abraçar o mundo”, trabalhar teorias e públicos diferentes - podemos então concatenar a hipótese de que a participante é uma pessoa inquieta e curiosa, com base nesses indicadores que apareceram com frequência no desenrolar dessa construção de informações.

Em determinado momento, sentimos a necessidade de dar um passo para trás na linha do tempo da atuação profissional de Ivana que estávamos construindo e perguntá-la como ela decidiu que faria faculdade de psicologia, como pode ser acompanhado no trecho a seguir:

Pesquisadora: Como você decidiu estudar psicologia?

Ivana: Primeiro, só tinha saído duas mulheres da cidade pra estudar fora, porque isso era, era um evento assim até... meio proibido. Como que mulher sai pra estudar fora, vai embora assim, né? E eu terminei o ensino médio e nem participei da “formatura” que tinha, e falei: “eu vou embora estudar”, e meus pais concordaram, né.

A partir desse trecho, é possível notar mais um momento que corrobora com a hipótese sobre a forma como a participante se relaciona com diferentes processos de vida, sua inquietação facilitou a abertura de novos caminhos de vida que foram importantes para a configuração de processos subjetivos relacionados à sua trajetória profissional e pessoal. Além disso, também mostra como Ivana foi subversiva durante o seu processo de formação, já que, em uma época que mulheres eram fortemente desencorajadas a estudar fora, Ivana mudou de cidade para iniciar sua formação e construir o seu espaço próprio. No entanto, também me pergunto de que forma

aparece na subjetividade individual de Ivana essa questão de ser mulher no mundo acadêmico e que processos são mobilizados a partir disso.

Em uma subjetividade social hegemônica que procura silenciar e diminuir as mulheres, muitas se veem na necessidade de lutarativamente para ocupar espaços que são de seu direito, e, embora a psicologia, que é vista como uma profissão de cuidado, seja entendida como majoritariamente feminina, algumas profissionais ainda precisam reivindicar o seu espaço enquanto teóricas e pesquisadoras, pois as ciências e o ato de “fazer” ciência são concebidos como majoritariamente masculinos, de forma que é possível notar um apagamento e silenciamento de teóricas e pesquisadoras mulheres para privilegiar homens na mesma posição (Rosa; Mori, 2024).

Ainda sobre como decidiu cursar psicologia, diz:

Ivana: Na cidade em que eu me formei estava começando o curso de psicologia, no meu estado natal não tinha ainda. E tinha, na faculdade pública, uma coisa que eu gostava muito que era comunicação, aí eu fiquei em dúvida entre comunicação e psicologia, aí eu acabei fazendo psicologia. Foi isso, eu nem conhecia, nem sabia direito, né, o que que era, ninguém sabia, né, direito.

É interessante que Ivana, a princípio, não sabia direito o que era a psicologia, e até hoje atua na área. À primeira vista, pode ser considerado como sorte ela encontrar realização no curso que escolheu sem saber direito o que era, mas acreditamos que Ivana, em seu processo extenso de formação, tornou a psicologia algo seu. Ivana construiu um espaço próprio dentro da psicologia por meio de suas reflexões, formações e vontade de fazer mais e criar mais, características que fazem parte da sua subjetividade individual e participam da criação de novos sentidos subjetivos em seus processos subjetivos, e, mais especificamente, seus processos subjetivos relacionados à psicologia.

Nesse momento, podemos começar a compreender Ivana como sujeito em seu processo de formação e atuação, entendendo que ela não se limitou pelo que a psicologia poderia oferecê-la, e criou as possibilidades de atuação que ela buscava dentro da área. A psicologia se configura para Ivana como um espaço onde ela pode criar e inovar, um espaço onde a sua inquietude é bem-vinda, e, dessa forma, ela produz sentidos subjetivos que a permitem expandir as noções da psicologia para além do que era hegemônico.

Em uma das formações de Ivana, a formação em psicodrama, que teve duração de 5 anos e exigiu a realização de uma monografia para conclusão do curso, Ivana criou, para esse trabalho, um modelo de diagnóstico psicodramático, como ela conta a seguir:

Ivana: Aí, eu já trabalhava com essa ideia, não trabalhava com testes, eu tinha meu trabalho final foi fazendo uma crítica a isso, né, à medicalização, aos testes, à patologização, e aí eu desenvolvi um modelo de psicodiagnóstico psicodramático, que foi um boom, naquela época, um artigo que eu escrevi, foi muito simples, mas o trabalho em si, que, naquela época, não era artigo, era monografia, então a gente escrevia muito, mostrava a experiência. Então, eu criei um modelo de psicodiagnóstico psicodramático que confrontava a psicanálise, e mesmo os outros paradigmas.

Esse trecho deixa explícito o movimento de Ivana contra a subjetividade hegemônica da psicologia, e reforça esse espaço que ela construiu dentro da psicologia por meio de seus trabalhos. Em um momento que trazia o seu foco no adoecimento e nas patologias, Ivana produz alternativas teóricas e de atuação que contemplam suas reflexões acerca da psicologia, reflexões estas que se encontravam em um movimento contrário ao comum da época.

A partir desse relato, a questionamos sobre como funciona esse modelo de psicodiagnóstico psicodramático criado por ela, ao que ela me diz:

Ivana: Eu vou falar no próximo livro que eu vou publicar, eu vou falar sobre isso (sorrindo). Então, eu criei... que eu nem sei se eu vou falar do mesmo jeito que eu criei, porque já, já avancei, né? Mas eu criei, só pra você ter uma ideia, uma metodologia psicodramática de atendimento à família e à criança, porque eu entendo que, dentro do psicodrama, a família é a placenta social da criança, o Moreno chamou assim, ele que falou isso, tá? É a matriz da identidade da criança, então, na verdade, quando a gente atende criança, a gente atende é a família, porque o que a criança precisa, né, é de uma família que possibilite que ela se move, né, que ela gere novos sentidos subjetivos ali em relação à família, entre outros. Aí, até aquela época, o que que a gente tinha? A psicanálise, que era a referência nas universidades. Avaliação psicológica, né, com testes, ou então, aquele trabalho de testes projetivos, que você interpreta, e tal e tal. Então eu criei o que eu chamei, à época, não vou chamar mais assim, mas eu chamei de entrevista dramatizada.

Esse momento, além de explicitar o movimento da profissional contra a subjetividade hegemônica da época, algo que ela percebe em sua atuação, também traz um indicador de certa autocobrança na profissional, por meio do destaque que ela coloca na sua vontade de alterar o nome do método criado. Ivana está sempre

buscando inovar, sempre buscando a mudança, e, por vezes, isso se configura na participante ao se cobrar para sempre entregar algo melhor.

Simultaneamente, levantamos o indicador do extremo orgulho que Ivana sente pelo seu trabalho e os objetivos que alcançou com ele. Ao comentar, sorridente, que falará sobre isso em seu próximo livro, e contar sobre a forma que o método funciona com tanto apreço, Ivana demonstra que sua autocobrança não a impede de sentir orgulho do trabalho que fez e as atualizações que ela pretende fazer partem de uma ideia de estar sempre crescendo e se atualizando. Na subjetividade social hegemônica, a autocobrança é frequentemente concebida de maneira negativa, como uma forma de ser cruelmente autocrítico e se considerar sempre insuficiente, porém, para Ivana, a autocobrança aparece de forma a impulsioná-la em busca de seus objetivos, ela é tensionada durante o seu percurso de vida a fim de atualizar-se.

Novamente, sentimos a necessidade de enfatizar o movimento explícito de Ivana de contrariar a subjetividade social hegemônica, na utilização apenas de testes para realizar a avaliação psicológica, e criou uma forma de psicodiagnóstico que parte do funcionamento da família para mobilizar a produção de sentidos subjetivos alternativos àqueles que provocavam sofrimento na criança.

Ivana nos explicou como funcionam os diferentes momentos do atendimento com as famílias e as crianças, em que utilizava de técnicas interessantes para fomentar o diálogo dos familiares, então diz:

Ivana: Pronto, eu propunha esses três momentos, iniciais, e aí que que acontecia? Eu não precisava falar nada, porque eles próprios iam entendendo, iam sentindo e iam transformando aquilo em próprio, então era sempre tudo muito rápido, eu que não tive mais disponibilidade pra fazer isso, até devia ter, mas... eu acho que eu deixei também porque eu sou inquieta, eu gosto de ir fazendo outras coisas, sabe? Mas era esse, o que eu propus, eu não sei nem onde que tá essa monografia minha, que eu escrevi tudo isso, toda essa proposta, na monografia, à época, aí pronto.

Já à primeira vista, achamos importante ressaltar que a inquietação de Ivana, hipótese já evidenciada, é algo do qual ela reconhece como característica sua, além de apontar possíveis malefícios que isso provocou, como a impossibilidade de continuar com esse trabalho, que sente que deveria ter continuado, e do qual se orgulha bastante. É pertinente também colocar em evidência a maneira de Ivana de lidar com a frustração de não ter desenvolvido esse trabalho como gostaria, que não ocorre se arrependendo e remoendo a situação, mas entendendo que essa é uma

característica sua, que traz tanto aspectos positivos quanto negativos, se caracterizando como um movimento importante de autoaceitação da participante.

Além disso, esse momento deixa explícito um movimento importante de Ivana em sua configuração subjetiva da psicologia: o movimento contrário à prática psicológica hegemônica, em que o psicólogo se posiciona como o detentor do saber e os indivíduos que participam desse processo estão na posição de passividade, e, assim, o psicólogo tem um fazer sobre eles, e não com eles. Ivana demonstra que comprehende que a sua posição como psicóloga é a de alguém que mobiliza e tensiona os indivíduos, atuando como facilitadora da produção de sentidos subjetivos alternativos, e não como alguém com um conhecimento superior que deve orientar os indivíduos a seguirem as suas proposições.

Ao tomar esse lugar no espaço psicoterapêutico, Ivana possibilita que os indivíduos assumam a responsabilidade por suas vidas e se posicionem ativamente no curso da experiência, a fim de que estes se tornem sujeitos de seus processos de vida. O vínculo construído entre psicoterapeuta e paciente permite que a psicoterapia seja um espaço dialógico que mobiliza a produção de sentidos subjetivos alternativos, facilitando posicionamentos e reflexões diferenciadas que não aconteceriam previamente, e que são guiados pelo indivíduo, e não pelo que o psicoterapeuta acredita ser “melhor para o outro”. A partir disso, o indivíduo constrói possibilidades que fazem sentido para si, e, da qualidade do vínculo terapêutico, o processo pode mobilizar a produção de sentidos subjetivos alternativos ao sofrimento.

Após esse relato, comentei o quanto interessante é esse modelo que Ivana criou, ao que ela responde:

Ivana: Não é? É muito interessante. Só que na faculdade, quando eu ia ensinar isso na disciplina “Psicodiagnóstico infantil” as pessoas não queriam, porque elas queriam teste, elas queriam... (punhos fechados e movimento socando para baixo repetido, indicando rigidez), entendeu? E o que que a gente via nisso aí? Não era a patologia. Eram as possibilidades de desenvolvimento da criança e da família. Então olha que isso aí eu já fazia antes de fazer o mestrado.

A partir dessa fala, levantamos o indicador da reflexão constante que Ivana faz com relação a seus alunos e a subjetividade social hegemônica, que acreditam que a psicologia deve ser pautada pela rigidez científica própria das ciências naturais. Por exemplo, atualmente, é comum ver médicos fazendo encaminhamentos especificamente para terapias TCC, por essa ser considerada “padrão-ouro” e com

eficácia comprovada por meio de pesquisas científicas, embora profissionais médicos não tenham conhecimento acerca das abordagens de psicoterapia e não possuam autoridade para determinar qual seria a abordagem adequada para o paciente baseado nesses critérios.

Além disso, em seu movimento contra a patologização, Ivana reconhece o seu pioneirismo e o valor de suas reflexões para o movimento. Levantamos, então, mais um indicador do orgulho que Ivana sente pelo seu trabalho, que ela enfatiza que realizou antes mesmo do mestrado, mostrando que esse movimento que ela assume não veio apenas pelo mestrado, mas pelas suas próprias reflexões, suas próprias criações. Ivana traz a ênfase do seu modelo criado para as possibilidades de desenvolvimento, quebrando com a concepção de que o psicodiagnóstico deve estar sempre buscando uma patologia.

A partir disso, podemos concatenar a hipótese de que Ivana se orgulha imensamente de sua carreira e dos trabalhos que desenvolveu, decorrente dos indicadores de orgulho que apareceram no decorrer dessa construção. Esse orgulho que Ivana sente possibilita que ela assuma uma posição de pioneirismo, de criar alternativas e subverter o prevalente na psicologia, abrindo caminhos diferentes na sua atuação.

Nesse momento, a questionamos sobre o trabalho de psicologia jurídica que a profissional desenvolve e solicitamos que ela nos contasse sobre:

Ivana: É um trabalho que eu chamo de educativo, porque eu trabalho com a ideia de educação do Fernando (González Rey), né, entendeu? Que vem lá do Vygotsky, educação como forma de aprendizagem e de desenvolvimento subjetivo. Então, eu associei tudo isso pra trabalhar com esses ex-casais em litígio judicial. Com o objetivo de quê? De que eles se desenvolvam, de que tenham um desenvolvimento que permita que eles se posicionem, porque tudo é terceirizado, né, atribuído a justiça, há uma patologização desse processo, entendeu? Tanto pelo sistema judiciário, quanto pelos próprios, é..., casais, ex-casais, os advogados, os psicólogos que atuam, (risos) enfim, é isso aí, né.

Para explicar essa ideia de educação de González Rey da qual Ivana se refere, Goulart (2013) explica que, quando uma experiência promove reflexões que colocam o indivíduo como ativo em seu espaço social, ela possui caráter educativo, desenvolvendo tanto o indivíduo como o espaço social também, e, portanto, a educação tem relação com a construção da cidadania, construindo alternativas para os envolvidos no processo. Essa forma de pensar a educação também rompe com a

subjetividade social hegemônica em que a educação sempre envolve uma pessoa mais capacitada que impõe os seus conhecimentos em um indivíduo passivo.

A partir dessa ideia, Ivana constrói para os participantes um espaço que possibilita que eles se responsabilizem pelo litígio e se posicionem como ativos em seu processo de vida, se desenvolvendo por meio dessa experiência. Sem nos demorar muito nessa ideia, reiteramos seus movimentos subversivos e o valor que possuem ao possibilitar pensar alternativas para lidar, nesse caso específico, com famílias em litígio, mas não se limitando a isso. Ivana, essa mulher inquieta e curiosa, cria, a partir de suas reflexões e experiências, as suas próprias formas de fazer psicologia.

Além disso, emerge novamente o indicador da sua capacidade reflexiva sobre a subjetividade social hegemônica da psicologia, trazendo à tona o movimento existente de patologização dos indivíduos envolvidos na situação do litígio judicial, que muitas vezes parte de outros psicólogos que atuam com essas situações. Ivana se possibilita refletir e se posicionar criticamente com relação a seus colegas de profissão, de forma a abrir espaço para a discussão acerca de práticas psicológicas que, ao invés de se tornarem cristalizadas e irrefutáveis, se tornam objeto de reflexão e atualização.

Nesse momento, podemos concatenar a hipótese de que Ivana é uma pessoa bastante reflexiva, em especial com relação à psicologia. Acreditamos que sua constante reflexão a norteou na construção de seus modelos teóricos e a auxiliou a tomar um caminho que diverge do predominante na psicologia. Esse questionamento constante sobre os objetivos da psicologia e o que esta representa na subjetividade social são posições que os profissionais da psicologia raramente ocupam, principalmente na dimensão clínica, e, portanto, norteiam a prática clínica para a cristalização de técnicas predispostas e individualismo, pois romper com essa hegemonia requer reflexão, criatividade e capacidade crítica.

Os movimentos de Ivana possibilitam que nós a compreendamos como sujeito em seus processos de formação e atuação, considerando a maneira na qual Ivana se posiciona e se movimenta contrariamente às práticas hegemônicas da psicologia, à patologização da vida e à subjetividade social hegemônica científica da psicologia, mas também pelo seu movimento autêntico de criação de um espaço próprio na psicologia, tornando a algo seu.

5. Considerações finais

Pudemos observar, durante o curso da pesquisa, que a reflexão e a curiosidade são caminhos importantes para a abertura de caminhos alternativos à subjetividade social dominante, além de serem essenciais para repensar os caminhos hegemônicos da formação e da atuação na psicologia. Ambos os caminhos norteiam um modo de vida que possibilita a abertura de espaços diferenciados, estando implicados em sentidos subjetivos que estão para além da psicologia como campo de atuação profissional, embora possuam um espaço de grande importância nesta, pela pertinência das reflexões e da curiosidade para o campo psicológico.

Assim, enfatizamos que movimentos de vida que não estão diretamente relacionados uns com os outros são indissociáveis por estarem profundamente imbricados na subjetividade individual da pessoa, não sendo possível dividir a vida e a história da pessoa em categorias. Portanto, características individuais, como inquietação e curiosidade, expressam-se no âmbito profissional e facilitam a abertura de caminhos alternativos para o indivíduo, não limitando-se a esse âmbito.

Ao implicar-se em seu processo, o indivíduo permite que suas características pessoais se expressem em sua atuação, possibilitando reflexões que antes não tinham espaço. Assim, o entendimento de que o seu trabalho possui espaço e valor para a psicologia abre caminhos para essa implicação, que é possível a partir da ideia de que, dentro da psicologia, são necessários o pensamento crítico, as reflexões e as ideias próprias.

Por fim, na perspectiva da formação em psicologia, pensamos ser de grande importância o processo de personalização da atuação como psicólogo, assim, implicando-se na mesma, seja essa em pesquisa, em psicoterapia, em docência, entre outros. Esse tomar a psicologia para si possibilita que o indivíduo se veja no seu trabalho e se coloque naquilo que faz, abrindo espaços próprios que condizem com a sua criatividade e capacidade reflexiva, configurando uma relação recursiva do psicólogo com a própria psicologia.

Referências

- BOCK, A.; ROSA, E.; AMARAL, M.; FERREIRA, M.; GONÇALVES, M. O compromisso social da psicologia e a possibilidade de uma profissão abrangente. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v.42, n.spe, p.1-12, 2022. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003262989>

FREIRE FILHO, J. A felicidade na era de sua reprodutibilidade científica: construindo “pessoas cronicamente felizes”. In: FREIRE FILHO, J. **Ser feliz hoje:** reflexões sobre o imperativo da felicidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p. 49-82.

GONZÁLEZ REY, F. **O social da psicologia e a psicologia social:** A emergência do sujeito. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetividade:** os processos de construção da informação. São Paulo: Editora Pioneira Thomson Learning, 2005.

GONZÁLEZ REY, F. **Subjetividade e saúde:** superando a clínica da patologia. São Paulo: Cortez Editora, 2011.

GONZÁLEZ REY, F.; GOULART, D.; BEZERRA, M. Ação profissional e subjetividade: para além do conceito de intervenção profissional na psicologia. **Educação**, v. 39, n.esp., p. 54-65, 2016. DOI: <https://doi.org/10.15448/1981-2582.2016.s.24379>

GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. **Subjetividade: teoria, epistemologia e método.** São Paulo: Editora Alínea, 2017.

GOULART, D. **Institucionalização, subjetividade e desenvolvimento humano:** abrindo caminhos entre educação e saúde mental. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília. Brasília, p.146. 2013.

GUZZO, R.; RIBEIRO, F. Psicologia na Escola: Construção de um horizonte libertador para o desenvolvimento de crianças e jovens. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v.19, n.1, Jan.-Abr., p.298-312, 2019. DOI: <https://doi.org/10.12957/epp.2019.43021>

GUZZO, R. Problematizando a Relação entre Subjetividade e Educação. In: MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; TACCA, M.; ROSSATO, M.; PUENTES, R. **Teoria da subjetividade e epistemologia qualitativa:** práticas profissionais e pesquisas. São Paulo: Editora Alínea, 2024, p.91-94.

HAN, B. **Sociedade Paliativa:** a dor hoje. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.

MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; GONZÁLEZ REY, F. **Psicologia, educação e aprendizagem escolar.** São Paulo: Cortez Editora, 2017.

MORI, V. A psicoterapia na perspectiva da Teoria da Subjetividade: a prática e a pesquisa como processos que se constituem mutuamente. In: GONZÁLEZ REY, F.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A.; PUENTES, R. **Epistemología Qualitativa e Teoria da Subjetividade:** discussões sobre educação e saúde. Uberlândia: EDUFU, 2019, p.183-202.

MORI, V. Reflection on the value of the theory of subjectivity to signify the practice of psychotherapy. **Studies in Psychology**, v. 41, n. 1, p. 182-191, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/02109395.2019.1710987>

PARKER, I. **Psychology through critical auto-ethnography:** academic discipline, professional practice, and reflexive history. Routledge, 2020.

ROSA, L.; MORI, V. Reflexões sobre a relação entre: as mulheres, a subjetividade social e o tornar-se sujeito. **Psicólogo InFormação**, v. 26, n.26, p.83-108, 2024. DOI: <https://doi.org/10.15603/2176-0969/pi.v26n26p83-108>

VAZ, A. **A configuração subjetiva do tornar-se psicoterapeuta:** reflexões sobre a dimensão teórica e da graduação em psicologia. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento, Centro Universitário de Brasília. Brasília, p.140. 2023.

VAZ, A.; MORI, V.; CAMPOLINA, L. Cuidado em Psicologia e subjetividade social: representações, práticas e possibilidades. **Teoría y crítica de la psicología**, v.21, p.135-148, 2025.